REVISTA CORDIS

# REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS E LITERÁRIAS DO MITO DE ÍSIS E OSÍRIS

# RELIGIOUS AND LITERARY REPRESENTATIONS OF THE MYTH OF ISIS AND OSIRIS

Evandro Fantoni Rodrigues Alves[1]

**RESUMO**: Dentre as muitas histórias da mitologia egípcia antiga, a mais conhecida é certamente o Mito de Ísis e Osíris, que tem sido repetido incontáveis vezes ao longo do tempo. É justamente sobre esse mito que se debruça o presente artigo, que tem como objetivo estudar algumas de suas representações em dois diferentes contextos e momentos históricos. Assim sendo, procurando compreender como uma mesma narrativa aparece em diferentes culturas e contextos, verificaremos como o mito de Ísis e Osíris aparece na arte religiosa do Antigo Egito e como aparece em duas obras literárias brasileiras contemporâneas. Tendo sido feita essa verificação, procuraremos estabelecer aproximações e distanciamentos, a fim de entendermos quais características do mito se mantém ou se transformam ao longo do tempo, podendo ser consideradas características humanamente universais, ou seja, compartilhadas por toda humanidade, e não exclusivamente por um determinado grupo e/ou cultura.

**PALAVRAS-CHAVE**: Mitologia Egípcia; Literatura Brasileira; Mito de Ísis e Osíris; *As melhores histórias da mitologia egípcia*; *Osíris. Deus do Egito*.

**ABSTRACT:** Among the many stories of ancient Egyptian mythology, the best known is certainly the Myth of Isis and Osiris, which has been repeated countless times over the time. It is precisely this myth that this article focuses on, which aims to study some of its representations in two different contexts and historical moments. Therefore, seeking to understand how the same narrative appears in different cultures and contexts, we will verify how the myth of Isis and Osiris appears in the religious art of the Ancient Egypt; and as it appears in two contemporary Brazilian literary works. Having carried out this verification, we will seek to establish approximations and distances, in order to understand which characteristics of the myth are maintained or has changed over time, and can be considered humanly universal characteristics, that is shared by all humanity, and not exclusively by a certain group and/or culture.

**KEYWORDS**: Egyptian Mythology; Brazilian Literature; Myth of Isis and Osiris; *As melhores histórias da mitologia egípcia*; *Osíris. Deus do Egito*.

[1] Doutor em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). ORCID: 0000-0001-5107-0605 E-mail: evandro.fantoni.ra@gmail.com

10.23925/2176-4174.34.2025e70196

Recebido em: 03/02/2025.

Aprovado em: 10/02/2025.

Publicado em: 11/02/2025.

## Introdução

Poucas civilizações ou agrupamentos humanos – tanto da Antiguidade, como de períodos posteriores, até chegar aos dias atuais – despertam tanta atenção e interesse em termos culturais como a egípcia antiga. Através do longo período que compreende a História do Egito faraônico, desenvolveu-se uma riquíssima mitologia – termo entendido aqui tanto como o conjunto de crenças de um povo quanto como um conjunto de narrativas que pode ser incluída entre as produções literárias de determinada cultura –, cuja narrativa mais célebre é o Mito de Ísis e Osíris, repetido e recontado incontáveis vezes através dos séculos, tanto pela cultura que lhe deu vida quanto em diferentes contextos culturais externos a ele. É sobre duas representações desse mito que trataremos no presente artigo.

Em um primeiro momento – na primeira seção do nosso trabalho – apresentaremos brevemente o Mito de Ísis e Osíris, com seus principais elementos e características narrativas, bem como o recorte que utilizaremos ao longo de nosso texto para efeitos comparativos entre diferentes representações do mito em culturas e momentos históricos diversos: os episódios da ressurreição de Osíris, e da concepção mágica de Hórus.

Na segunda seção do artigo nos focaremos em como o mito aparece no seu ambiente original, ou seja, em que situações podemos encontrá-lo em produções artísticas e culturais da civilização egípcia antiga. Como trata-se de uma cultura que – talvez mais do que qualquer outra – se dedicou largamente ao tema da morte, e cuja vida cotidiana era particularmente permeada pela religião – tanto que seus templos foram construídos em materiais mais duráveis que suas residências e palácios –, optamos por estudar como a narrativa de Ísis e Osíris aparece no contexto funerário dos *Textos das Pirâmides* e nos templos de Dendera, Abidos e Philae, datados de

diferentes períodos da época faraônica e nos quais há uma profunda ligação entre o mito e as crenças mortuárias, em especial no que diz respeito ao papel de Ísis como aquela que protege e dá vida nova aos mortos no pós-vida egípcio, o *Duat*; e na concepção mágica do filho do casal divino, Hórus, gerado após a morte de seu pai.

Na terceira seção do artigo nos debruçaremos sobre como é representado o mito de Ísis e Osíris em duas obras brasileiras contemporâneas: *As melhores histórias da mitologia egípcia*, de Carmen Seganfredo e A.S. Franchini; e *Osíris. Deus do Egito*, de Marcelo Hipólito. Ambas as narrativas trazem uma versão completa da narrativa isíaca, mas possuem a diferença de que a primeira é uma coletânea de histórias mitológicas do Egito Antigo enquanto a segunda é inteiramente dedicada ao mito de Ísis e Osíris.

Por fim – na quarta seção do presente artigo, e antes de fazemos nossas considerações finais –, procuraremos estabelecer aproximações e distanciamentos entre os dois contextos do Mito de Ísis e Osíris estudados, procurando entender quais das suas características podem explicar a sua permanência ao longo do tempo, permitindo que uma narrativa que conta com mais de quatro mil anos possa ser recontada e revisitada em uma cultura contemporânea tão distante temporal e geograficamente da egípcia, como é o caso da brasileira. Dentre essas características, verificaremos quais podem ser consideradas humanamente universais, ou seja, que podem ser encontradas de diferentes formas e em diferentes níveis nas mais diversas culturas humanas.

Comecemos, então, por revisitar o mito egípcio que guiará todas as demais seções do presente artigo.

## Mito de Ísis e Osíris

Antes de iniciarmos qualquer tipo de análise acerca das representações funerárias ou literárias do Mito de Ísis e Osíris, é necessário que apresentemos – ainda que de forma breve – a narrativa desse importante texto da mitologia egípcia, bem como sua composição e possíveis origens. É o que se pretende fazer na primeira seção do presente artigo.

Primeiramente, destacamos que tal mito remonta aos primeiros anos da civilização egípcia, e se faz presente, de forma difusa, em diversos contextos funerários e religiosos ao longo de todo o largo período faraônico. Destacamos

também que – na esmagadora maioria das vezes – não foram encontradas versões completas dessa narrativa, mas sim fragmentos da mesma, sobretudo dos episódios da mumificação e da ressurreição de Osíris.

Ainda que nenhuma versão egípcia completa do mito tenha sido encontrada, há fontes gregas e romanas que preservaram algumas de suas passagens de forma mais extensa, sendo que a mais completa e famosa delas é a de Plutarco, *De Ísis e Osíris*[2]. Não se sabe com que precisão ou em que momento os diferentes fragmentos do mito foram colocados juntos; se eles já haviam sido compostos unidos em algum registro original que se perdeu nas areias do tempo; ou ainda se era uma narrativa contada oralmente que nunca foi escrita por completo antes dos registros gregos e romanos que possuímos.

Em sua dissertação de Mestrado, *Religião e sociedade no Egito Antigo: uma releitura do mito de Ísis e Osíris na obra de Plutarco (I d.C)*, Poliana Vasconi Santos nos apresenta uma versão resumida do mito de Ísis e Osíris, que reproduzimos abaixo.

> Segundo a teogonia heliopolitana, Osíris era filho primogênito de Nut (a deusa Céu) e de Geb (o deus Terra) e irmão de Ísis, Seth e Néftis. Osíris e suas irmãs nascem no tempo certo e Seth é o único a arrancar-se do ventre materno. Osíris nasce com pele escura e Seth nasce ruivo. Osíris tinha como suas cores o preto, identificado ao renascimento e a cor fértil da terra e também o verde, que representava a fecundidade, a vegetação e o renascimento. Seth, o deus vermelho como foi chamado nos textos, tornar-se-ia o símbolo do deserto, identificado com a desordem, a violência, as tempestades e a guerra.
> Osíris casa-se com Ísis e Seth com Néftis. Como filho primogênito de Geb, cabe a Osíris descer à terra para governá-la. Sendo os primeiros deuses a reinar na terra, [Ísis e Osíris] ensinaram os homens a viverem em paz, sem se destruírem mutuamente e fixando-se numa moradia onde pudessem viver com sua família. O casal também ensinou técnicas de plantio e colheita, mostrando-lhes as plantas que lhes seriam úteis, como o trigo e a cevada, do qual retirariam a base de sua alimentação e produziriam o pão e a cerveja. Organizaram a religião, ensinando a adoração aos deuses, regulamentando o culto e edificando templos. Criaram também um código de leis para que os homens pudessem viver em comunidade. Ísis, como esposa exemplar, ensinou às mulheres os cuidados com a casa e os princípios fundamentais da família. Dessa forma os deuses reinantes trouxeram para a terra abundância e ordem, seguindo um padrão divino, tendo *inventado* assim a própria civilização. Osíris não satisfeito decide então sair para o resto do mundo para ensinar aos vários povos os princípios civilizatórios.
> Seth inveja Osíris por poder governar o Egito e almeja usurpar o trono do irmão. Para conseguir seu intento tenta de várias formas tomar o poder de Osíris sem obter êxito. Mesmo na ausência de Osíris é Ísis quem toma conta do país. Os

[2] Não nos utilizaremos da obra de Plutarco no presente artigo devido ao fato de o filósofo e historiador greco-latino ter sua obra publicada por volta do século I d.C., contendo uma série de sincretismos com a religião grega e mudanças em relação à narrativa original egípcia que demandariam análises e discussões que nos seria impossível fazer de forma não leviana no presente estudo.

> textos egípcios não falam explicitamente do estratagema utilizado por Seth para conseguir o seu intento e só mencionam que ele matou Osíris, provavelmente, afogando-o nas águas do Nilo.
> Portanto, Seth sobe ao trono do Egito, perseguindo todos os amigos e companheiros de Osíris. Quando fica sabendo do acontecido, Ísis vai atrás do corpo do marido até conseguir encontrá-lo em Abidos. Para que Seth não soubesse do achado, Ísis esconde o corpo de Osíris no pântano de papiro perto de Bouto. Mas Seth, ao caçar sob a lua cheia encontra-o e cheio de ódio retalha o corpo de Osíris espalhando suas partes por todo o Egito. Novamente Ísis sai em busca das partes fúnebres do corpo, contando dessa vez com a ajuda de sua irmã Néftis e Anúbis, deus chacal, que ajuda a farejar os restos mortais de Osíris. Encontram todas as partes de Osíris exceto o falo que havia sido engolido por um crustáceo oxirrinco. Os deuses então juntam as suas partes; Anúbis conhecendo a arte secreta de impedir que os corpos apodreçam, reconstitui o corpo de Osíris, embalsamando-o. Ísis inscreve fórmulas mágicas sobre suas bandagens e pronuncia diversos encantamentos, fazendo de Osíris a primeira múmia. Transformada em um falcão, Ísis cria o sopro da vida com suas asas, fazendo com que Osíris reviva e consiga fecundá-la, gerando um sucessor. Assim, Osíris não podendo mais voltar a vida terrestre e reinar nesse mundo, desce ao *Duat* ou Mundo dos Mortos para reinar como *Senhor da Eternidade*.
> Não livre do perigoso Seth, Ísis busca um lugar seguro para dar à luz a seu filho. Para garantir que Seth não encontraria seu filho Hórus, Ísis esconde-o nos pântanos de papiro até que pudesse lutar com ele. Com o nascimento de Hórus, forma-se um modelo divino de família e uma das tríades mais importantes do panteão egípcio. Quando chega à maturidade inicia-se a luta entre Hórus e Seth para garantir o seu direito de sucessão. A batalha entre os dois deuses dura muito tempo e a decisão fica por conta do Tribunal Divino que define Hórus como o regente do Egito. Assim, Osíris continua seu reinado no *Duat* enquanto Hórus reina sobre a terra, garantindo a continuação da ordem divina e da paz. (SANTOS, 2003, p. 39-41. Grifos da autora)

Como se pode perceber pela leitura do trecho acima, a deusa Ísis – mais até do que o próprio Osíris, que com ela divide o título do mito – é a figura mais destacada da narrativa, assumindo papel de verdadeira protagonista da história, seja como regente do Egito na ausência do irmão, seja nas duas vezes em que saiu em busca do corpo do marido, passando pelo papel central no processo de devolver a vida ao consorte morto com seu divinal bater de asas, e culminando na proteção do jovem filho, Hórus, enquanto este se preparava para desafiar seu tio usurpador pelo trono egípcio que lhe pertencia por direito.

Dentre os diversos acontecimentos do mito de Ísis – resumidamente apresentados acima –, os episódios da mumificação e ressurreição de Osíris através do bater de asas divinal de sua esposa e da concepção mística de Hórus estão entre os que possuem mais importância na narrativa e na cosmogonia egípcia como um todo, uma vez que implicitamente se está falando da geração do herdeiro do primeiro faraó, que deveria reinar nas terras do Egito depois de seu pai, Osíris, que então passaria a governar o reino dos mortos.

É interessante notar ainda que a partir desse mito original tem início um processo conhecido como osirificação dos mortos, em que os falecidos do Egito Antigo – em especial os faraós – passam a ser representados em suas tumbas como o próprio Osíris, sob a proteção de Ísis, que com suas asas protege e devolve a vida a eles, como fizera mitologicamente com seu marido. Sobre esse tema nos fala Salima Ikram em *Death and burial in ancient Egypt.*

> Esposa e irmã de Osíris, Ísis, e Néftis, sua outra irmã, eram também potentes divindades funerárias. Ambas as deusas cumprem um importante papel na proteção da múmia e em trazê-la em segurança para a ressurreição. Consequentemente, há o uso de suas imagens na cabeça e nos pés dos caixões e sarcófagos. Elas são também frequentemente mostradas lamentando o morto, assim sublinhando a associação do morto com Osíris e o potencial de renascimento. Elas são retratadas como pássaros negros, ou como mulheres. (IKRAM, 2003, p. 37. Tradução nossa[3])

Acerca dessa passagem específica da concepção mística e póstuma de Hórus, por sua vez, nos fala Santos.

> Deve-se ressaltar que a cena da concepção póstuma de Hórus teve uma importância muito grande para os egípcios. Encontramos, desde o *Texto das Pirâmides* traços desse relato, que apresenta inúmeras cenas da concepção em vários templos. (SANTOS, 2003, p. 101. Grifos da Autora)

Também Jean-Claude Goyon nos fala desse episódio – conforme escrito no Papiro do Louvre I 3079 – em sua publicação *Le cérémonial de glorification d'Osiris du papyrus du Louvre I. 3079 (Colonnes 110 à 112)*, em que nos apresenta as colunas 110 a 112 do referido papiro. Através das palavras de Goyon podemos revisitar o texto antigo.

> Eu sou sua irmã, Ísis. Não há deus ou deusa que possa fazer o que eu fiz. Desempenhei o papel de homem mesmo sendo apenas uma mulher, para fazer seu nome sobreviver na terra; quando teu germe divino estava dentro do meu ventre, eu te coloquei no chão para que protegesse o teu corpo, curasse tuas feridas e retribuísse o mal a quem o causou (GOYON. p. 95-96. Tradução nossa[4])

---

[3] Texto original: Osiris's wife and sister, Isis, and Nephtys, his other sister, were also potent funerary deities. Both goddesses play an important role in protecting the mummy and bringing it safely to ressurrection, hence the use of their images at the head and foot of coffins and sarcophagi. They are also frequently shown mourning the deceased, thus underlining the deceased's association with osiris and potential of rebirth. They are depicted as Black kites or as women.

[4] Texto original: Je suis ta souer Isis. Il n'y a ni dieu ni déesse qui puisse fairè ce que j'ai accompli. J'ai pris homme alors que je n'étais qu'une Femme, afin de faire survivre tan nom sur terre; lorsque ton germe divin fut à l'intérieur de mon sein, je le déposai à terre pour qui'il protege ton corps, qu'il guérisse tes plaies et rende le mal à celui qui em étair l'auteur.

Por fim, encerramos a primeira seção de nosso artigo com as palavras de Lise Manniche em *A vida sexual no antigo Egito*, onde a autora fala tanto da ressurreição de Osíris pelo poder mágico do bater de asas de Ísis, quanto da concepção mística de Hórus.

> Existem várias explicações sobre como Hórus foi criado. De acordo com uma escola teológica ele foi criado pelo deus-sol como parte da Eneade, mas outra tradição sustenta que ele foi concebido por Ísis, quando Osíris, seu pai, já estava morto [...] Uma estela de cerca de 1400 a.C., no Louvre, contém um hino com a seguinte passagem:
> *Oh benevolente Ísis*
> *Que protegeu o seu irmão Ósíris,*
> *Que procurou por ele incansavelmente,*
> *Que atravessou o país enlutada,*
> *E nunca descansou antes de tê-lo encontrado.*
> *Ela que lhe proporcionou sombra com suas asas*
> *E lhe deu ar com suas penas,*
> *Que se alegrou e levou o seu irmão para casa.*
> *Ela que reviveu o que para o desesperançado estava morto,*
> *Que recebeu a sua semente e concebeu um herdeiro*. (MANNICHE, 1990, p. 59. Grifos da autora.)

É justamente sobre essa parte da narrativa mitológica – do processo de ressurreição de Osíris; do papel de Ísis como deusa protetora dos falecidos e responsável por lhes devolver o sopro de vida com o bater de suas asas divinas; e da mística concepção de Hórus – que nos debruçaremos no presente artigo, verificando como esses episódios aparecem representados em duas obras literárias brasileiras, *As melhores histórias da mitologia egípcia*, de A.S. Franchini e Carmen Seganfredo e *Osíris. Deus do Egito*, de Marcelo Hipólito; e em seu contexto cultural original, em templos e tumbas de diferentes períodos da História do Egito Faraônico, pelo qual iniciaremos nosso estudo, na segunda seção do presente artigo.

**Representações do Mito de Ísis e Osíris em contexto egípcio antigo.**

Na seção anterior do nosso estudo vimos Santos mencionar que traços do mito de Ísis e Osíris e do episódio da concepção mística de Hórus aparecem desde os *Textos das Pirâmides* e em diversos templos. Na presente seção nos dedicaremos a verificar onde estão esses traços, tanto nos referidos textos quanto em templos e tumbas de diferentes períodos históricos da longeva civilização egípcia.

Os *Textos das Pirâmides* são um conjunto de textos encontrados gravados nos pilares e paredes das pirâmides de faraós e rainhas do Antigo Império Egípcio e estão entre os mais antigos e importantes textos religiosos já encontrados, datando de cerca de quatro mil e quinhentos anos. É importante levarmos em conta que é bem possível que eles não surgiram no mesmo momento em que foram inscritos nas paredes das pirâmides, mas sim que já fizessem parte da tradição oral antes que fossem gravados em pedra nas versões que chegaram até nós.

Tais textos são tradicionalmente divididos em enunciados, dentre os quais é possível encontrar – de forma bastante difusa, é verdade – diferentes referências aos episódios do mito de Ísis e Osíris que mais nos interessam no presente estudo, sendo que o primeiro deles está no enunciado 219, onde o faraó é identificado com Osíris ao mesmo tempo em que se afirma que Ísis preservou o irmão vivo, o que remete ao mito estudado: "Ó Ísis, este aqui é seu irmão Osíris, a quem você fez restaurar para que ele pudesse viver; se ele viver, este Rei viverá. (FAULKNER, 2007, p. 47. Tradução nossa[5])

Também no enunciado 222 podemos encontrar uma possível referência à ressurreição de Osíris através da intervenção de sua esposa Ísis, na medida em que o texto religioso afirma que o deus ressurge com sua irmã/esposa como a barca solar, que efetivamente renasce a cada manhã: "Suba e desça; ascenda com Ísis, erga-se com a barca do amanhecer." (FAULKNER, 2007, p. 50. Tradução nossa[6])

No que diz respeito à concepção mística de Hórus de forma mais específica, também podemos encontrar algumas referências nos *Textos das pirâmides*. Um exemplo delas está no enunciado 477. "Foi seu filho Hórus, que você gerou, quem me tirou da cabeça dos mortos e me colocou entre os deuses, sendo divino." (FAULKNER, 2007, p. 165. Tradução nossa[7]).

Também no enunciado 519 encontramos referência sobre a concepção de Hórus, desta vez apresentando seu local de nascimento e ligando-o à sua mãe: "Ísis, a Grande, que amarrou a faixa em Chemmis, quando ela trouxe sua tanga e queimou

---

[5] Texto original: O Isis, this one here is your brother Osiris, whom you have caused to be restored that he may live; if he lives, this King will live.
[6] Texto original: Ascend and descend; ascend with Isis, rise with the Day-bark.
[7] Texto original: It is your son Horus whom you begot who has removed me from the head of the dead and has put me among the gods, being divine.

incenso diante de seu filho Hórus, a criança.” (FAULKNER, 2007, p. 193. Tradução nossa[8])

No que tange aos templos mencionados por Santos, trazemos aqui três exemplos de onde podemos encontrar representações gráficas do mito de Ísis e Osíris, sendo que o primeiro deles é o de Dendera, localizado na margem oeste do Nilo, cerca de sessenta quilómetros ao norte de Luxor. “O templo é dedicado à deusa Hathor, embora Hórus e Ísis também tenham papéis proeminentes” (WONG, 2016, p. 90. Tradução nossa[9]). Podemos observar que nessa primeira representação, trazida na Figura 1 apresentada abaixo, junto à esposa/irmã de Osíris, aos pés do deus está Anúbis que, conforme vimos na seção anterior, também possui um importante papel no processo de embalsamamento e ressurreição da divindade do submundo.

**Figura 1**: Hórus, Anúbis, Ísis como pássaro pousada sobre o falo de Osíris deitado, Néftis. Templo de Dendera, Egito. Autor: Csorfoly Daniel.



Fonte: Wikimedia Commons[10] - Domínio Público.

[8] Texto original: Isis the Great, who tied on the fillet in Chemmis. When she brought her loin-cloth and burnt incense before her son Horus, the Young child.
[9] Texto original: The temple is dedicated to the goddess Hathor, although Horus and Isis too have prominent roles.
[10] Imagem original e detalhes da Licença de Publicação disponíveis em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:DenderaHathorTempleComplexQenaEgypt589-2007feb10PhotoByCsorfolyDaniel.JPG

Ao observar a imagem, notamos que grande parte do mural se encontra bastante deteriorada, e isso se deve à ação de iconoclastas, que após o período faraônico dedicaram-se a destruir as representações religiosas não apenas do templo de Dendera, mas também do de Edfu, dedicado a Hórus. Acerca da ação desses iconoclastas – e do fato de terem sido Edfu e Dendera dois dos mais bem preservados templos egípcios antes de sofrerem seus ataques – nos fala Jun Yi Wong no seu artigo "Raze of Glory: interpreting iconoclasm at Edfu and Dendera".

> Os templos ptolomaicos em Edfu e Dendera estão entre os melhor preservados monumentos no Egito. [...] Mas um visitante dos dias modernos de Edfu e Dendera vai imediatamente notar as cicatrizes e marcas de cinzel feitas pelos iconoclastas. [...] Nenhum dos relevos teria sobrevivido se não fosse pela escala dos monumentos e a enorme quantidade de esculturas. (WONG, 2016, p. 89. Tradução nossa[11])

Um segundo templo no qual é possível observar a mesma cena da concepção mágica de Hórus é o de Abidos, supostamente erguido onde a rainha dos deuses teria encontrado o corpo do marido após seu assassinato por Seth. Sobre o Complexo de Abidos – porque não se trata de um único templo – nos falam Abdelbaset Abudeif, Gamal Abdel Aal, Marwa Maoud e Mohammed Atef Mohammed no artigo "Geoarchaeological investigation of Abydos area using land magnetic and GPR techniques, El-Balyana, Sohag, Egypt.

> A região de Abidos é um dos mais antigos sítios arqueológicos do Alto Egito. Esse sítio data de 4.000 anos no passado. [...] Ele também representa o local de numerosos templos antigos, incluindo a necrópole real. A cidade de Abidos de tornou o mais venerado distrito do Egito desde que foi associado com a religião de Osíris e local desejado para o enterro dos mais antigos e mais novos monarcas, tais como Seti I e Ramsés II. (AAL; ABUDEIF; MASOUD; MOHAMMED, 2022, p. 2. Tradução nossa[12])

Dentro do complexo de Abidos – cuja construção foi iniciada pelo faraó Séti I e concluída durante o governo de seu filho, Ramsés II – existe um templo subterrâneo dedicado especificamente a Osíris, no qual pode-se ver um mural onde está

[11] The Ptolemaic temples at Edfu and Dendera are among the best-preserved monuments in Egypt. [...] But a modern day visitor to Edfu and Dendera would immediately notice the scars and chisel marks made by iconoclasts. [...] None of the relief would have survived if not for the sheer scale of the monuments and the enormous number of carvings.

[12] Texto original: The Abydos site is one of Upper Egypt's oldest archaeological sites. This sites date back 4000 years. [...] It also represents the site of a number of ancient temples, including the royal necropolis. The city of Abydos became Egypt's most venerated district since it was associated with Osiris' religion and the desired burial locations for the earliest and oldest monarchs, such as Seti I and Ramses II.

representada a passagem do mito de Ísis na qual a deusa – transformada em pássaro – está pousada sobre o falo do esposo, com ele copulando para engravidar e dar à luz a Hórus. Podemos ver uma reprodução do referido mural na Figura 2.

**Figura 2**: Hórus, Ísis como pássaro pousada sobre o falo de Osíris deitado, Néftis. Templo de Abidos, Egito. Autor: Olaf Tausch.



Fonte: Wikimedia Commons[13] - Permissão para utilização da imagem: GNU Free Documentation License e Creative Commons Attribution 3.0 Unported License.

Um terceiro templo no qual encontramos representações do mito de Ísis e Osíris data do período ptolomaico – de domínio grego sobre o Egito, após a conquista de Alexandre, o Grande –, e é dedicado tanto ao casal divino quanto ao seu filho Hórus. O Templo de Philae é um dos últimos templos construídos no estilo clássico da civilização egípcia, e o último onde a deusa Ísis foi cultuada de forma ostensiva, como nos informa Sarah Fahmy em seu artigo "Performing on the Nile: Young women embodying ecofeminist decolonial care".

> Philae foi construído em 280 a.C. pelos ptolomeus para honrar Osíris (o primeiro faraó e deus da fertilidade, agricultura, e do pós-vida), sua esposa, rainha Ísis (deusa da maternidade, magia e fertilidade), e do filho deles, Hórus (deus do sol e da cura). [...] O templo de Ísis foi o último construído no estilo

[13] Imagem original e detalhes da Licença de Publicação disponíveis em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Abydos_Tempelrelief_Sethos_I._36.JPG

> egípcio clássico e foi um dos últimos lugares onde ela foi adorada. (FAHMY, 2024, p. 193. Tradução nossa[14])

Em um complexo de templos dedicado especificamente à trindade divina egípcia, é natural que encontremos grande quantidade de representações do mito de Ísis e Osíris. De fato, é o que ocorre em Philae, e seria possível compor todo um estudo sobre esses murais, mas não é esse o propósito de nosso artigo e, portanto, nos limitaremos a apresentar apenas um dos muitos relevos presentes no templo.

O relevo escolhido difere significativamente dos apresentados acima, porque não apresenta Ísis pousada sobre o falo de Osíris, quando também lhe devolve a vida com o sopro divino que vem do bater de suas asas e recebe a semente divina para conceber Hórus. Nessa representação do templo de Philae o que observamos é sim Osíris sendo revivido pelo poder das asas de Ísis, mas desta vez com a deusa em sua forma humana, como podemos observar na Figura 3.

[14] Texto original: Philae was built in 280 BCE by the Ptolomies to honor Osiris (the first Pharaoh and god of fertility, agriculture, and the afterlife), his wife, Queen Isis (goddess of motherhood, magic and fertility), and their son, Horus (god of the sun and healing). [...] The Temple of Isis was the last one built in the classical Egyptian style and was one of the last places where she was worshipped.

**Figura 3**: Osíris entre os braços de Ísis, Ísis alada protegendo/revivendo o irmão/marido. Templo de Philae, Egito. Autor: Kim Bach.



Fonte: Wikimedia Commons[15]. Permissão para utilização da imagem: Creative Commons Attribution-Share Alike 2.5. Generic.

Após revisitar algumas das representações dos episódios selecionados do Mito de Ísis e Osíris encontrados em seu contexto egípcio original, podemos passar para a próxima seção do presente artigo, na qual nos debruçaremos sobre duas produções literárias brasileiras nas quais o Mito de Ísis e Osíris é revisitado.

### Representações do Mito de Ísis e Osíris na Literatura Brasileira

Tendo apresentado algumas das representações do mito de Ísis e Osíris em seu contexto original, ou seja, em imagens e textos datados do período faraônico, podemos agora nos debruçar sobre duas obras brasileiras que trazem esse mesmo

[15] Imagem original e detalhes da Licença de Publicação disponíveis em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Philae_Temple_Egypt_Goddess_Isis_As_Angel_Mural_Artwork_2004-10-11.jpg

mito para o contexto nacional, adaptando-o para o leitor brasileiro que, a despeito da grande distância temporal e geográfica, compartilha interesses e sentimentos suficientes com a narrativa egípcia para manter vivo esse texto mitológico e lhe conferir historicidade na medida em que estabelece um diálogo com o leitor de diferentes épocas, conforme nos diz Regina Zilberman em seu livro *Estética da recepção e história da Literatura*.

> Há, pois, entre escritor e audiência, sempre uma assimetria, provocadora simultaneamente do diálogo e da controvérsia. Por sua causa, mantém-se constante um intervalo, a ser preenchido por novos leitores que, mesmo em outras épocas e contextos, voltam à ficção para ali reconhecerem uma realidade a ser questionada ou a questioná-los. Efetivado esse processo, a obra se atualiza. [...] A capacidade da obra de desprender-se de seu tempo original e responder às demandas dos novos leitores é reveladora de sua historicidade. (ZILBERMAN, 1989, p. 100)

Na citação acima, como vimos, Zilberman fala tanto da atualização da obra, como de um processo de uma ficção questionada e questionadora, ou seja, está nos dizendo que uma obra literária, ao atravessar os tempos, só se mantém viva e se renova pela sua capacidade de dialogar com seus leitores – tanto contemporâneos quanto de outras épocas e locais –, oferecendo respostas a questionamentos e inquietações que carregam.

Nesse mesmo sentido vai Diógenes Buenos Aires de Carvalho, em *Adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoé no Brasil*, ao tratar de forma específica de adaptações literárias para jovens leitores, mas com argumentos que consideramos válidos para qualquer adaptação bem feita.

> As inúmeras adaptações, realizadas em momentos históricos distintos, concretizam o postulado de que a literatura não se apresenta como uma única proposta para as diferentes perguntas surgidas em cada época, porque tanto o leitor como suas inquietações se modificam. O olhar direcionado para a obra busca compreender o presente ou mesmo o passado, mas a sua história não é igual a dos leitores pretéritos, logo as questões formuladas ao texto serão outras. Cabe ao adaptador, sujeito histórico do seu tempo, compreender as indagações dos leitores infanto-juvenis e as possibilidades da obra ao ser adaptada de respondê-las. (CARVALHO, 2014, p. 25-26)

Sobre o tema da adaptação, a primeira coisa que se pretende fazer – antes de começarmos a estudar as obras literárias com as quais trabalharemos no presente artigo – é desmistificar o próprio conceito de adaptação, que muitas vezes o senso comum interpreta como uma simplificação do texto original, sendo assim considerado inferior ao mesmo. Ainda que seja parcialmente verdade o fato de que muitas

adaptações de fato simplifiquem o texto para novos leitores – em geral, mas não necessariamente jovens –, acreditar que esse seja seu único propósito se revela uma falácia, uma vez que o texto ser adaptado não significa apenas que ele foi facilitado, mas que passou por um processo composicional de um escritor que procurou – em obras adequadamente adaptadas – entender aquilo que de essencial possui a narrativa original para dar-lhe nova vida em uma nova linguagem e para novos leitores. A esse respeito recorremos as palavras de M. A. Johnson no artigo "Translation and adaptation."

> Adaptação é, às vezes, restrita à reescrita, que é a simplificação textual para o acesso de uma categoria particular de público leitor ou a remodelação de textos de um passado distante para consumidores moderno. [...] Adaptação pode ser também interlingual, o que envolve a transposição de um idioma fonte para um idioma alvo. No entanto, a maioria das adaptações tem a ver com a transformação de um formato ou gênero para outro, algo também conhecido como tradução intersemiótica. (JOHNSON, 1984, p. 421. Tradução nossa[16])

No caso dos textos em estudo, longe de ser apenas uma simplificação, as obras literárias escolhidas se encaixam em duas das categorias apresentadas acima, uma vez que podem ser consideradas tanto uma reescrita, uma vez que remodelam textos do distante passado egípcio para o leitor brasileiro contemporâneo; quanto uma tradução intersemiótica, posto que transformam os textos e murais religiosos do Egito Antigo em obras literárias em sentido mais restrito, como o compreendemos na atualidade.

Tendo sido feitas essas considerações iniciais, passamos ao estudo das obras literárias sobre as quais nos debruçaremos no presente artigo, começando pela coletânea *As melhores histórias da mitologia egípcia*.

Pertencente a uma coleção que reconta as principais narrativas de diferentes contextos mitológicos – tais como nórdico, grego, hindu, mesoamericano, japonês, chinês e bíblico – a obra de Carmen Seganfredo e A.S. Franchini busca transformar e atualizar as narrativas mitológicas egípcias para o leitor brasileiro, dando-lhes novo significado – exatamente como vimos ser o que se espera de uma boa adaptação – fora de seu contexto religioso original.

[16] Texto original: Adaptation is sometimes restricted to rewording, that is text simplification for accessibility to a particular category of the reading public or refashioning of texts of a distant past for modern consumers. [...] Adaptation may also be interlingual, that is involving transposition from a source language into a target language. However, most adaptations have to do with transformation from one format or genre into another, otherwise known as intersemiotic translation.

Tal desejo é proclamado pelos próprios autores, no prefácio de *As melhores histórias da mitologia egípcia*, como podemos observar abaixo.

> Teologias à parte, privilegiamos aqui o lado aventuresco e fabular da mitologia egípcia, recriando os eventos dos enredos originais (tal como fizemos com a mitologia grega, em outra obra), acrescentando apenas algumas circunstâncias para dar um colorido maior à trama, tornando-a, assim, mais atraente ao leitor contemporâneo. Os deuses egípcios em ação, em histórias cujos enredos fascinam pelo inesperado de suas reviravoltas, é o que você, leitor, terá agora diante dos olhos. (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2012, p. 8)

A obra de Franchini e Seganfredo apresenta – como se espera de uma coletânea, e como afirmam seus autores – uma série de textos cujas narrativas originais pertencem às mais importantes histórias da mitologia egípcia. Entre eles – além do próprio mito de Ísis e Osíris – desde o nascimento de Ísis, Osíris, Néftis e Seth até a derrota final do deus usurpador e assassino de seu irmão –, são trazidos pelos autores, na forma de contos, o surgimento do mundo de acordo com a cosmogonia faraônica; a viagem diária da barca de Rá pelo céu do egípcio e pelo submundo; a invenção da escrita pelo deus Thot; a história da deusa Sekhmet, que em contexto egípcio se encontra no importante *Livro da vaca celeste*; e a narrativa de como a deusa Ísis conquistou os seus poderes mágicos ao descobrir o nome secreto de Rá.

No que tange aos episódios do mito que nos interessam de forma mais particular no presente artigo – da ressurreição de Osíris e da concepção mágica de Hórus – podemos encontrá-los assim narrados por Seganfredo e Franchini.

> Regressando a Abidos, Ísis e seus companheiros decidiram [...] dar uma sepultura definitiva ao deus morto, única forma de fazer com que sua alma pudesse finalmente ingressar na eternidade. Dentro do santuário, Anúbis retomou sua forma humana, embora permanecesse com sua face característica de cão. [...]
>
> Enquanto o deus embalsamador procedia à sua arte – graças à qual o corpo do deus estaria perfeitamente preservado da decomposição –, Ísis, tomando a forma de um gavião, começou a voejar ao redor do corpo. [...]
>
> Thot e Néftis observavam a cena, tornando tudo ainda mais solene com a repetição das palavras mágicas que Anúbis pronunciava enquanto juntava os pedaços dispersos do corpo divino, envolvendo-os em seguida numa bandagem, de tal sorte que, em breve, estava Osíris completamente mumificado. [...]
>
> E foi então que um milagre aconteceu: no meio das pernas do deus foi surgindo, como por mágica, o pedaço essencial que faltava [o falo do deus], enchendo a todos de espanto.
>
> - Mas... é de madeira! – disse Néftis, tocando respeitosamente o membro.
>
> - Que fosse de papiro! – disse Thot, aliviado. – De qualquer modo, é um sinal claro de que Osíris não só deseja como já pode conceber um filho!

> Ísis continuou a rodar em torno do corpo do esposo, num voo graciosamente sensual, até que, completado o processo de mumificação, Osíris finalmente sacudiu levemente suas pálpebras.
> Ísis-gavião despediu um grito de felicidade e foi pousar sobre a virilha do deus. [...]
> Osíris reviveu alguns breves momentos para provar outra vez do melhor da vida, unindo-se amorosamente à deusa-gavião a fim de gerar o filho que um dia deveria retomar o cetro usurpado pelo tirânico Seth. (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2012, p. 124-126)

Também na obra de Franchini e Seganfredo, encontramos uma descrição de onde o filho de Osíris e Ísis nasceu, recebendo a deusa auxílio de sua irmã Néftis e de seus aliados Thot e Anúbis.

> Depois de outra longa jornada, o pequeno grupo estava próximo a Quemmis quando Ísis acordou sentindo as primeiras dores do parto. [...]
> Ajudada por sua irmã e também pelos dois deuses [Thot e Anúbis], Ísis deu à luz um lindo menino, cercada por uma natureza em festa. (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2012, p. 127)

A segunda obra sobre a qual nos debruçaremos no presente estudo é intitulada *Osíris. Deus do Egito*, e tem a autoria de Marcelo Hipólito. Diferente do primeiro texto literário estudado, essa obra é dedicada exclusivamente ao mito de Ísis e Osíris.

O que faz dela uma adaptação bastante interessante é o fato de que, em vários momentos, encontrarmos referências trazidas pelo autor não da mitologia egípcia, mas sim do cristianismo.

Podemos encontrar um exemplo dessa aproximação com a mitologia cristã na passagem da narrativa de Hipólito em que Osíris faz uma pregação anunciando uma Boa Nova e falando de amor e perdão, elementos que não fazem parte do mito egípcio original, mas que podem ser facilmente associados às pregações bíblicas de Jesus. Nessa passagem – e em muitas outras depois dessa –, Osíris é tratado como Messias. Vejamos o referido excerto.

> Osíris, todavia, confiante e tranquilo, acalmou as feras humanas com o som metódico e delicado de sua voz e o feitiço de compaixão que habitava em seu olhar.
> Pamyles ficou atônito, pois os bárbaros sentaram-se mansamente para ouvir as palavras doces do *Messias*. E Osíris prometeu-lhe uma vida de alegria, fartura e paz.
> E, perante a *Boa-Nova* de Osíris, o Mal sucumbiu.
> E, mesmo no Céu, a mensagem de *amor* e *perdão* do *Messias* reverberou com imenso poder. [...]
> E a tribo de bárbaros se ajoelhou diante de Osíris e o adorou. (HIPÓLITO, Marco Zero, p. 73. Grifos nossos).

Outro momento em que encontramos aproximações entre o texto de Hipólito e as narrativas bíblicas está justamente no episódio que mais nos interessa no presente

estudo, da ressurreição de Osíris e da concepção de Hórus, que é mágica no romance estudado, porém imaculada, sem o ato sexual, como ocorre com Maria segundo a narrativa bíblica. Vejamos o episódio todo, conforme apresentado por Hipólito.

> Ísis e Néftis levaram as treze partes de Osíris ao ermo do Delta onde ele fora estraçalhado por Seth. Anúbis ficou para trás, junto ao barco. [...]
> Ísis trançou linhas e ataduras feitas de papiro e usou ervas para perfumá-las. Com as linhas, a deusa costurou e reuniu os pedaços do marido. Então, firmou-os com as ataduras, consagrando Osíris como a primeira múmia. [...]
> E elas [Ísis e Néftis] dançaram nuas e deslumbrantes. E brilhavam sob o belo luar: Ísis, à cabeça de Osíris, Néftis, aos seus pés. Juntas, cantavam lamentações fúnebres e conjuravam feitiços. Estes, porém, falhavam em ressuscitar Osíris. [...]
> Em sua agonia e tristeza, Ísis tornou-se andorinha e rodopiou sobre o corpo reconstituído do esposo, e piava incontrolavelmente seu desespero e desolação. Então, pousou à boca do esposo e beijou-o numa despedida sofrida e derradeira.
> Nesse instante, quando toda a esperança havia sucumbido, súbita e inesperadamente o espírito de Osíris fluiu de seu cadáver inerte e penetrou a boca de Ísis, direto ao seu útero, onde a sua alma plantou uma semente de luz e calor. [...]
> E Ísis tornou-se a última mulher a engravidar sem cópula. (HIPÓLITO, 2009, p. 135-136)

Tendo revisitado os episódios do mito de Ísis e Osíris escolhidos para aprofundamento no presente artigo conforme são apresentados a nós nas duas obras brasileiras selecionadas – *As melhores histórias da mitologia egípcia*, de Carmen Seganfredo e A.S. Franchini e *Osíris. Deus do Egito*, de Marcelo Hipólito – podemos partir para a quarta e última seção do presente estudo, onde procuraremos estabelecer aproximações e distanciamentos entre as narrativas religiosas e literárias, a fim de compreender quais as características do mito egípcio original permanecem em suas adaptações superando as barreiras temporal e geográfica que nos separam da civilização egípcia antiga.

**O Mito de Ísis e Osíris entre a Religião e a Literatura.**

Nas seções anteriores do presente artigo apresentamos o Mito de Ísis e Osíris – em especial os episódios da ressurreição de Osíris pelo poder mágico do bater de asas de Ísis e da concepção mística de Hórus após a morte de seu pai –, e as formas como foram representados tanto no contexto religioso egípcio original quanto no contexto literário brasileiro contemporâneo.

Uma vez apresentados esses episódios nos dois contextos, cabe a nós agora fazer uma análise na qual se pretende estabelecer aproximações e distanciamentos

entre as narrativas estudadas, com o objetivo de entender quais características permanecem ao longo do tempo; quais são transformadas com o passar dos anos; como tais textos dialogam com os leitores de diferentes épocas; e quais são seus elementos considerados humanamente universais. Sobre esse tópico nos fala Alves, em seu livro *De Homero e Ruth Rocha*.

> Inquietações e questões que se apresentam em diferentes épocas, permitindo que uma mesma obra seja lida em diferentes tempos, ou seja, o que tornaria uma obra imortal – e justificaria as suas adaptações – não são suas especificidades contemporâneas, mas sim os elementos compartilhados pela coletividade humana, independentemente de qualquer temporalidade. (ALVES, 2020, p. 33)

Tendo isso em mente, tratemos de tentar estabelecer algumas aproximações e distanciamentos, visando compreender alguns dos elementos coletivamente compartilhados que os possam motivar.

A primeira aproximação que podemos fazer entre as narrativas religiosas e literárias estudadas está no papel de Anúbis como auxiliar de Ísis em sua jornada e partícipe ativo no processo de mumificação e ressurreição de Osíris. Esse papel aparece tanto no mito original, apresentado por Santos, quanto nas paredes do templo de Abidos, local onde teria se dado todo o processo místico estudado. Há uma aproximação da obra de Seganfredo e Franchini com o mito egípcio, tanto na localização do ritual de embalsamamento quanto no papel do deus-chacal, que em sua narrativa aparece não apenas como partícipe, mas como responsável pelo processo de mumificação propriamente dito. Por outro lado, na obra de Hipólito há um profundo distanciamento tanto do mito quanto da outra obra brasileira, uma vez que Anúbis é completamente excluído do episódio, sendo declarado que enquanto se desenrolavam os eventos místicos, o deus esperou afastado do local, aguardando junto ao barco.

Um segundo momento de aproximação entre o mito egípcio original e a narrativa de Franchini e Seganfredo está no fato de, após não ser encontrado, o falo de Osíris ter sido substituído por outro, de madeira. A diferença entre as duas narrativas está no fato de que, segundo o mito, o membro substituto teria sido feito pela própria Ísis e por ela colocado no marido, enquanto na narrativa brasileira o pênis de madeira surge mágica e espontaneamente do corpo morto, indicando o desejo reprodutivo do deus-morto. Quanto à obra de Hipólito, novamente encontramos um distanciamento tanto da obra *As melhores histórias da mitologia egípcia*, quanto do

mito original, uma vez que o falo de Osíris jamais é encontrado e tampouco é substituído por outro, estando completamente ausente da narrativa desde a sua perda original, quando o deus foi esquartejado.

No que tange à ressurreição de Osíris, encontramos um duplo distanciamento da mitologia egípcia original, sendo que ambas as narrativas brasileiras tiram de Ísis o poder ressuscitador que devolve à vida ao marido nos textos antigos, atribuindo o sopro de vida do deus à magia de Anúbis – em Franchini e Seganfredo – e ao próprio Osíris – tanto em Seganfredo e Franchini, quanto em Hipólito.

Ainda sobre esse episódio, há uma aproximação interessante entre a narrativa de *Osíris. Deus do Egito* e o contexto funerário egípcio antigo, na medida em que as deusas Ísis e Néftis são descritas dançando diante da cabeça e dos pés de Osíris enquanto lamentam sua morte e tecem encantamentos para lhe devolverem a vida. Essa passagem ecoa as palavras de Ikram, lidas na primeira seção do presente artigo, quando nos informa que as deusas eram representadas na cabeceira e nos pés de caixões e sarcófagos, a lamentarem, protegerem e devolverem a vida ao morto.

Por último, quanto ao episódio específico da concepção póstuma de Hórus, encontramos representações dele tanto em contextos egípcios originais quanto nas duas obras brasileiras, porém com uma grande diferença mítica no que tange ao texto de Hipólito, onde a deusa é fecundada sem cópula, através de um sopro da alma de Osíris recebido através de um beijo. No texto de Franchini e Seganfredo, porém, a aproximação é de tal ordem que poderíamos falar de uma identificação completa, uma vez que a narrativa brasileira é tão próxima do mito original, que poderia ser descrita quase como uma textualização dos murais de Abidos e Dendera, sendo que a única diferença entre a narrativa mítica e a literária está no fato de que na primeira Ísis se transforma em um falcão, enquanto na segunda se transfigura em gavião.

Por fim, há uma última aproximação de *As melhores histórias da mitologia egípcia* com o contexto egípcio original, dessa vez com o *Texto das Pirâmides*, uma vez que em ambas as narrativas é apresentado o nascimento de Hórus na região de Chemmis, ainda que a grafia do nome do local seja ligeiramente diferente no texto religioso – onde lê-se “Chemmis” – e literário, onde se lê “Quemmis”.

**Considerações finais**

Iniciamos o presente estudo com o objetivo de compreender quais características do mito de Ísis e Osíris estavam presentes em sua narrativa original e que sobreviveram ao passar dos milênios para serem encontrados em duas obras literárias brasileiras contemporâneas, superando o grande distanciamento temporal e geográfico que nos separam da cultura egípcia faraônica.

Apresentadas as aproximações e distanciamentos que encontramos nos recortes escolhidos das obras estudadas, acreditamos ser possível afirmar que existem diálogos suficientes entre as narrativas mitológica e literárias para que elas permaneçam relevantes mesmo depois de passados mais de quatro mil anos de sua composição original, questionando e sendo questionadas, para retomarmos as palavras de Zilberman.

Resta, porém, uma pergunta a ser respondida: se constatamos que alguns dos elementos principais do mito de Ísis e Osíris permanecem significativos para o leitor brasileiro contemporâneo, na medida em que eles aparecem representados – com algumas mudanças, é verdade, mas ainda assim presentes – nos dois textos nacionais estudados, quais são as características humanamente universais que permitem essa permanência e esse diálogo com os leitores de diferentes locais e temporalidades?

Acreditamos que existem pelo menos duas respostas a essa pergunta, sendo que a primeira delas consiste no prestígio que goza a civilização egípcia na sociedade ocidental contemporânea, sendo ela uma das mais respeitadas e influentes através dos tempos, tendo alcançado a imortalidade pelo contato com seus vizinhos, e pela grandeza de sua arte, conforme nos diz Jean-Marc Brissaud em *O Egito dos faraós*.

> O Egito nos apareceu profundamente original, isolado, tanto no tempo como no espaço, de nossa civilização ocidental. [...] Floresceu durante três milênios uma civilização incomparável, surgida diretamente do Neolítico, e morrendo na Antiguidade clássica. Ela se abriu então, largamente, às influências novas, que fizeram [...] sua imortalidade, tanto as influências egípcias são numerosas nas civilizações que a costearam e sucederam [...]
> Os Egípcios nos deixaram, para além das idades, mais que simples influências, mas também, e sobretudo, a grandeza de sua arte: Pirâmides, templos e túmulos. [...] É certo que durante o II e III milênios antes de J.C. a civilização egípcia foi a mais perfeita, a mais completa, a maior de todas as que a terra podia conter. (BRISSAUD, 1978, p. 341-342)

Dentro do contexto da civilização egípcia – bastante comprometida com seus aspectos religiosos, conforme mencionamos acima –, uma das narrativas que mais recebe destaque e prestígio é justamente o Mito de Ísis e Osíris, que foi representado

e recontado pelos próprios egípcios ao longo dos milênios. Sua divindade central – Ísis –, por exemplo, ultrapassou as fronteiras faraônicas e foi cultuada largamente por toda a costa mediterrânea antiga, desde Biblos até a Grécia e o Império Romano, chegando mesmo a “disputar” fiéis com o cristianismo, como nos diz Reginald Eldred Witt em sua obra *Isis in ancient world*.

> Nossa civilização ocidental greco-romana e cristã emergiu e tomou forma a partir do caldeirão cultural do Oriente Próximo. Os historiadores, no entanto, nem sempre reconheceram quão importante foi a religião do Egito nesse processo. De Mênfis e Alexandria, o culto de Ísis e seus associados de templo exerceu uma influência incalculável sobre outras religiões rivais, incluindo até mesmo o cristianismo. (WITT, 1997, p. 11, Tradução nossa[17])

No que diz respeito à segunda possível resposta, podemos extrai-la da própria leitura das obras literárias e da interpretação das crenças religiosas egípcias originais. O mito de Ísis e Osíris é, retirando os aspectos teológicos, em essência, uma história sobre os mistérios da morte e os efeitos que ela causa nos vivos.

A certeza da finitude da vida e as incertezas diante da morte são um tema que toca a humanidade desde os seus primórdios, recebendo diferentes graus de atenção em cada uma das culturas humanas conhecidas, até os dias de hoje.

Sendo os egípcios, como mencionamos no início do presente artigo, uma civilização que se dedicou grandemente aos temas funerários, é natural que algumas de suas visões sobre eles ecoem ao longo dos tempos, sobretudo através de um mito que trata exatamente da angústia de se perder um ente querido; do processo de luto, despedida e sepultamento do morto; do desejo de compartilhar com a pessoa perdida alguns últimos momentos de alegria e convívio – não necessariamente de ordem íntima e/ou sexual, embora seja esse o caso do mito de Ísis e Osíris –; e das únicas formas pelas quais uma pessoa pode se tornar efetivamente imortal: através das memórias de seus entes queridos e da descendência que eventualmente deixar sobre a terra.

É justamente nessas incertezas e temores em relação à morte e nas dores que ela deixa naqueles que permaneceram vivos que acreditamos estarem alguns dos aspectos humanamente universais que motivam as (re)leituras e adaptações que o

---

[17] Texto original: Our western world’s Graeco-Roman and Christian civilization has emerged and taken shape out of the cultural melting pot of the Near East. Historians however have not always acknowledged how potent a fator in this process was the religion of Egypt. From Memphis and Alexandria, the cult of Isis and her Temple Associates shed na incalculable influence on other rivak faiths, including even Christianity.

mito de Ísis e Osíris sofre desde a mais remota antiguidade até os dias de hoje, posto que – mesmo distantes milhares de quilómetros e anos da civilização egípcia – nós, leitores brasileiros, compartilhamos com os egípcios antigos as mesmas dúvidas e sofrimentos diante da inevitável finitude da vida. A esse respeito, novamente recorremos às palavras de Witt.

> Ainda não somos menos fascinados [...] pelos mistérios de nossa própria origem, nossa vida no aqui agora, e *nosso fim.* Poucos de nós conseguem seguir em frente por muito tempo sem acreditar na eficácia da oração. A humanidade espera que a intercessão divina traga o mesmo conforto e segurança que uma mãe devotada concede ao filho que protege do perigo. Portanto, nossa geração está exatamente no mesmo ponto que os egípcios antigos. (WITT, 1997, p. 18. Tradução nossa.[18] Grifos nossos)

Por fim, ao estudarmos brevemente o mito de Ísis e Osíris em seu contexto religioso egípcio original e em duas obras literárias brasileiras contemporâneas; estabelecermos aproximações e distanciamentos entre alguns de seus episódios escolhidos; e interpretado suas passagens sob o prisma das incertezas – universalmente humanas – frente à finitude da vida, podemos concluir o presente artigo afirmando que é esse o grande questionamento que o mito isíaco faz aos leitores e deles recebe: como podemos proceder frente à inevitabilidade da morte?

## Referências bibliográficas

AAL, Gamal Abdel; ABUDEIF, Abdelbaset; MASOUD, Marwa; MOHAMMED Atef Mohammed. **Geoarchaeological invstigation of Abydos área using land magnetic and GPR techniques, El-Balyana, Sohag, Egypt**. In: *Applied Sciences*, 12, 9640, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.3390/app12199640. Acesso em 25 de janeiro de 2025.

ALVES, Evandro Fantoni Rodrigues. **De Homero e Ruth Rocha. Um estudo do processo de adaptação das personagens da Odisseia para jovens leitores**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020.

BRISSAUD, Jean-Marc. **O Egito dos faraós**. Tradução de Luiza Tertulino Vieira. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1978.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **Adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoé no Brasil**. Curitiba: CRV, 2014.

---

[18] Texto original: We are still no less fascinated [...] by the mysteries o four own beginning, our life here and now, and our end. Few of us can go on for long without a belief in the efficacy of prayer. Mankind hopes that divine intercession will bring such Comfort and security as a devoted mother bestows on the child she screens from harm. So our own Generation is in just the same case as the ancient Egyptians.

FAHMY, Sarah. **Performing on the Nile: Young women embodying ecofeminist decolonial care**. In: *Enviromental communication*, v. 18, n. 1-2, 2024, p.191-199. Disponível em: https://doi.org/10.1080/17524032.2023.2296853. Acesso em 25 de janeiro de 2025

FRANCHINI, Ademilson Souza; SEGANFREDO, Carmen. **As melhores histórias da mitologia egípcia**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GOYON, Jean-Claude. **Le cérémonial de glorification d'Osisris du papyrus du louve I. 3079 (Colonnes 110 à 112)**. In: *Bulleton de L'Institut Françās d'Archéologie Orientale*, n. 65, 1967, p.89-156. Disponível em: https://www.ifao.egnet.net/bifao/65/7/ Acesso em 29 de janeiro de 2025.

HIPÓLITO, Marcelo. **Osíris. Deus do Egito**. São Paulo: Marco Zero, 2009.

IKRAM, Salima. **Death and burial in Ancient Egypt**. London: Pearson Education Limited, 2003.

JOHNSON, M.A.. **Translation and adaptation**. In: *Meta. Journal des traducteurs; Translator's journa*, v.29, n.4, 1984, p.421-425. Acesso em 29 de janeiro de 2025. Disponível em: https://doi.org/10.7202/003268ar

MANNICHE, Lise. **A vida sexual no antigo Egito**. Tradução de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FAULKNER, Raymond Oliver. **The ancient egyptian Pyramid texts**. Stilwell: Digireads Publishing, 2007.

SANTOS, Poliane Vasconi dos. **Religião e sociedade no Egito antigo: do mito de Ísis e Osíris na obra de Plutarco (I d.C.)**. Dissertação de Mestrado em História. UNESP/Assis. Assis, 2003. Acesso em 24 de janeiro de 2025. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/93452

WITT, Reginald Eldred. **Isis in the ancient world**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

WONG, Jun Yi. **Raze of Glory: interpreting iconoclasm at Edfu and Dendera**. In: *Journal of Late Antiquity*, v.9, n.1, 2016, p. 89-131. Acesso em 25 de janeiro de 2025. Disponível em: https://doi.org/10.1353/jla.2016.0000

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.